

Fragmentos da História da Medicina e da Cirurgia*

Fragments of the History of Medicine and Surgery

Henrique Faria Braga⁽¹⁾, Caio Lamunier de Abreu Camargo⁽²⁾

Atarefados com nossas aulas de todos os dias, poucas vezes nos lembramos que a Medicina, suas técnicas, suas doutrinas e sua ética, começaram a ser criadas há muitos e muitos anos, na Grécia Clássica de Hipócrates de Cós e de seus discípulos, ou mesmo antes, na Mesopotâmia dos assírios e babilônios, no Egito dos faraós e dos sacerdotes de Amon-Rá; ou na Antiga China dos mandarins e dos imperadores divinizados e onipotentes. Sua longa História, mesmo que vista de relance, em pequenos resumos, sempre desperta curiosidades e, certamente, muitos interesses, técnicos e culturais, fomentados pelo humanismo de cada um de seus protagonistas e pelo empenho com que se dedicaram a suas teorias e a suas invenções.

Encontrar a História da Medicina não nos foi difícil. Ela está em alguns livros do Museu Histórico de nossa Faculdade, uns de publicação moderna, outros muito antigos, verdadeiras jóias raras, como a edição completa do "Corpus Hipocraticum", que contém os textos, em grego e em latim, dos escritos originais de Hipócrates, traduzidos ao francês no Século-XVII, e também lá estão os textos de Galeno, o médico grego-romano do Século-II (d.C.) que expandiu e modernizou a "doutrina médica hipocrática" a mãe

verdadeira da medicina dos estudos de hoje e de sempre de cada um de nós.

Começamos a publicar o primeiro deles, um pequeno resumo da história dos povos Assírios e Babilônios, colhido, como serão os próximos, nos grandes tratados de História da Medicina pertencentes à Biblioteca e ao Museu Histórico da Faculdade, disponíveis e acessíveis a quem queira consultá-los; a maioria deles escrito em inglês ou em francês, alguns poucos em português.

Esperamos que sejam curiosos e que este artigo seja de alguma utilidade, retórica se o quiserem; dialética, esperamos que seja.

O começo da história da medicina - os assírios e os babilônios

Supõe-se que o primeiro ato médico praticado pelo homem tenha sido o uso das folhas de alguma planta como proteção para seus ferimentos e que a trepanação do crânio tenha sido seu primeiro ato cirúrgico, levado a efeito durante rituais mágico-religiosos destinados a remover espíritos ou demônios responsáveis por comportamentos doentios ou

* Para a elaboração deste texto, contamos com a colaboração do Professor Pedro Carlos P. Lemos, da Disciplina de Técnica Cirúrgica e do Incor.

⁽¹⁾ Aluno do 4º ano de graduação da Faculdade de Medicina da USP.

⁽²⁾ Aluno do 5º ano de graduação da Faculdade de Medicina da USP.

condutas estranhas ou nocivas à sobrevivência dos grupos restritos de homens paleolíticos que lutavam por sua sobrevivência.

Os atos médicos e cirúrgicos propriamente ditos, com suas características específicas e suas reais finalidades sempre fizeram parte da cultura dos povos que criaram as primeiras grandes civilizações.

Na cultura desses povos, especialmente na cultura dos Assírios e Babilônios, dos Egípcios e dos antigos Chineses, a medicina sempre esteve associada a suas religiões, nas quais constituía-se em um dos aspectos inerentes aos rituais de seus cultos religiosos, posto que os males humanos, dentre eles as doenças, eram tidos como ocorrências imputadas ao desejo de seus deuses ou à maldade de seus demônios.

Dentre as primeiras civilizações que se desenvolveram na Mesopotâmia a partir de 2500 (a.C.), a Civilização dos Assírios e dos Babilônios tinha sua cultura civil e religiosa calcadas em mitos e superstições.

Embora os assírios e os babilônios usassem medicamentos de origem vegetal e animal para tratar os Ferimentos e as Dores, sua Medicina era quase sempre Mágica e Divinatória. Consideravam as Doenças como sendo formas de interferências externas de suas divindades e intromissão de demônios no organismo humano, portanto, passíveis de cura através de orações e súplicas a seus deuses e de rituais de exorcismo de seus demônios.

Dentre os deuses assírios, “Ea”, o “Senhor das Águas”, é tido como o primeiro ancestral divino do médico; seu neto “Nabu”, o deus patrono das ciências e da medicina; Nergal, o deus-demônio responsável pela febre; “Tiu”, o deus-demônio que provocava as dores de cabeça; “Marduk”, o deus da cura dos males humanos e das doenças.

Diagnosticar as Doenças e fazer seus Prognósticos por intermédio de adivinhações e tratá-las por meio de exorcismos eram, portanto, um dos afazeres fundamentais de seus sacerdotes.

Em suas concepções sobre o organismo humano, tanto os assírios quanto os babilônios acreditavam que o fígado fosse a sede da vida,

portanto, era tido como o órgão humano no qual os deuses e os demônios exerciam suas interferências na conduta social e na saúde dos indivíduos.

Dentre seus métodos destinados a conhecer as interferências divinas e demoníacas na vida humana, os sacerdotes babilônios criaram um ritual divinatório especial, denominado “Hepatologia”, no qual, utilizando o fígado de um animal sacrificado, considerado como repositório especular do fígado humano, procuravam identificar, nas deformidades de sua superfície, os reflexos ou sinais específicos das doenças humanas, de suas características atuais e futuras, ou seja, procuravam estabelecer seu diagnóstico e seu prognóstico.

No tocante à prática médica e cirúrgica propriamente dita, sabe-se que os babilônios conheciam algumas doenças, embora as caracterizassem somente por seus sintomas, e que as tratavam com substâncias minerais e com macerados e extratos de plantas sob as formas de emplastos, fumigações, supositórios e enemas, e também que tratavam os ferimentos e as feridas infectadas com óleos vegetais e, os abscessos, com drenagens cirúrgicas.

No apogeu de sua civilização, entre 1728 e 1685 (a.C.), quando governados pelo mais conhecido de seus imperadores, Hamurabi, os Babilônios instituíram seu primeiro Código de Leis Cíveis, o “Código de Hamurabi”, que, além das normas destinadas à conduta civil de seu povo, continha as normas a serem seguidas nos tratamentos médicos e cirúrgicos que realizavam, dentre estes, os tratamentos dos ferimentos, das fraturas ósseas e dos abscessos, fundamentalmente a drenagem dos abscessos oftálmicos, para a qual as leis e as normas referentes ao trabalho médico, que era recompensado quando eficiente, e duramente penalizado quando mal-aplicado e mal sucedido.

Assim dizia o Texto do “Código de Hamurabi”: “Se o médico, atuando com um escalpelo de bronze, operar um abscesso do olho de um indivíduo e o curar, ele deve receber 10 ‘shekeis’ de prata...”. “Se destruir o olho, suas mãos devem ser cortadas...”.

DESCRITORES: História de medicina. Cirurgia/história.

KEY WORDS: History of medicine. Surgery/history.